

4 - Dos quatro humores às quatro bases

Joffre Marcondes de Rezende

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

REZENDE, JM. *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina* [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. Dos quatro humores às quatro bases. pp. 49-53. ISBN 978-85-61673-63-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Dos Quatro Humores às Quatro Bases



Os quatro temperamentos.

Desde a Antiguidade e em várias civilizações, o número quatro tem um simbolismo especial: o da plenitude, da totalidade, da abrangência, da universalidade. Expressa, ao mesmo tempo, o concreto, o visível, o aparente, o criado, ao contrário do número três, que espelha o transcendental, o espiritual, o abstrato, o divino. Nas palavras de Platão: “O ternário é o número das ideias; o quaternário, o da realização das ideias”.

Esta concepção parece radicar-se no inconsciente coletivo, porquanto o mesmo simbolismo aparece em todas as civilizações, inclusive entre povos indígenas e tribos africanas.

O número quatro liga-se ao quadrado e à cruz, que, juntamente com o círculo e o centro, constituem os quatro símbolos fundamentais da humanidade.

No bramanismo hindu, fala-se nos quatro domínios do universo, que correspondem às quatro partes de Brama.

Na Bíblia, o número quatro aparece com grande frequência, do Gênesis ao Apocalipse. O nome de Deus em hebraico se escreve com quatro letras, assim como o do primeiro homem, Adão. São quatro os rios do Éden que

delimitam o espaço habitável. Na visão de Ezequiel aparecem quatro animais com quatro faces e quatro asas. A cada passagem do Apocalipse surge o número quatro: são quatro cavaleiros, quatro pragas principais, quatro anjos, quatro emblemas das tribos de Israel, quatro muralhas de Jerusalém, quatro cantos da Terra.

O cruzamento de um meridiano com um paralelo divide a Terra em quatro partes. Por isso encontramos na história referências aos quatro mares, quatro reinos, quatro ventos, quatro partes do mundo. Quatro são os pontos cardiais: norte, sul, leste, oeste; quatro são as estações do ano: verão, outono, inverno, primavera; quatro são as fases da lua: cheia, minguante, nova e crescente; quatro são as fases da vida: infância, juventude, maturidade e velhice.

Na psicanálise o número quatro se revela no seu simbolismo. Jung reconhece no quaternário o arquétipo da totalidade dos processos psíquicos conscientes e inconscientes e enumera quatro funções fundamentais da consciência: o pensamento, o sentimento, a intuição e a sensação (Chevalier e Gheerbrant, 1989), e Mira y Lopez se refere aos quatro gigantes da alma: o medo, a ira, o amor e o dever.

É natural, portanto, que os filósofos gregos da escola pitagórica tenham imaginado o universo formado por quatro elementos: terra, ar, fogo e água, dotados de quatro qualidades, opostas aos pares: quente e frio, seco e úmido.

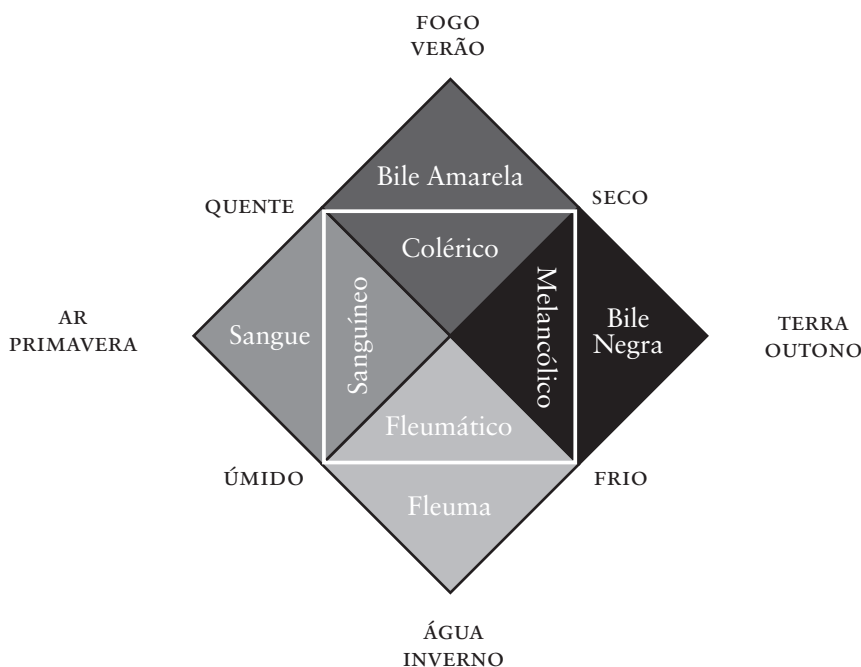
A transposição da estrutura quaternária universal para o campo da biologia deu origem à concepção dos quatro humores do corpo humano. O conceito de humor (*khymós*, em grego), na escola hipocrática, era de uma substância existente no organismo, necessária à manutenção da vida e da saúde. Inicialmente, fala-se em número indeterminado de humores. Posteriormente, verifica-se a tendência de simplificação, reduzindo-se o número de humores para quatro, com seu simbolismo totalizador: o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra, conforme se lê no livro *Peri phusion anthropoy* (*Da Natureza do Homem*):

O corpo do homem contém sangue, fleuma, bile amarela e bile negra – esta é a natureza do corpo, através da qual adoece e tem saúde. Tem saúde, precisamente, quando estes humores são harmônicos em proporção, em propriedade e em quantidade, e sobretudo quando são misturados. O homem adoece quando há falta ou

excesso de um desses humores, ou quando ele se separa no corpo e não se une aos demais. (Cairus, 1999)

Admite-se que a crença na existência de uma bile negra tenha sido fruto da observação clínica nos casos de hematêmese, melena e hemoglobinúria.

Segundo a doutrina dos quatro humores, o sangue é armazenado no fígado e levado ao coração, onde se aquece, sendo considerado quente e úmido; a fleuma, que compreende todas as secreções mucosas, provém do cérebro e é fria e úmida por natureza; a bile amarela é secretada pelo fígado e é quente e seca, enquanto a bile negra é produzida no baço e no estômago e é de natureza fria e seca.



O número quatro no macro e no microcosmo.

A doutrina dos quatro humores encaixava-se perfeitamente na concepção filosófica da estrutura do universo. Estabeleceu-se uma correspondência entre os quatro humores com os quatro elementos (terra, ar, fogo e água), com as quatro qualidades (frio, quente, seco e úmido) e com as quatro estações do ano (inverno, primavera, verão e outono).

O estado de saúde dependeria da exata proporção e da perfeita mistura dos quatro humores, que poderiam alterar-se por ação de causas externas ou internas. O excesso ou deficiência de qualquer dos humores, assim como o seu isolamento ou miscigenação inadequada, causariam as doenças com o seu cortejo sintomático.

Segundo a concepção hipocrática da patologia humoral, quando uma pessoa se encontra enferma, há uma tendência natural para a cura; a natureza (*Physis*) encontra meios de corrigir a desarmonia dos humores (*discrasia*), restaurando o estado anterior de harmonia (*eucrasia*).

Este processo se realiza em três etapas nas doenças agudas: *apepsia*, *pepsia* (cocção) e *crisis*. A *crisis* tem tendência a ocorrer em dias certos, o que levou Hipócrates a estudar os dias críticos de várias enfermidades (Castiglioni, 1947, pp. 191-192).

A recuperação do enfermo acompanha-se da eliminação do humor excedente ou alterado. O médico pode auxiliar as forças curativas da natureza, retirando do corpo o humor em excesso ou defeituoso, a fim de restaurar o equilíbrio. Com esta finalidade, surgiram os quatro principais métodos terapêuticos: sangria, purgativos, eméticos e clisteres.

Galeno, no século II d.C., com o prestígio de sua autoridade, revitalizou a doutrina humoral e ressaltou a importância dos quatro temperamentos, conforme o predomínio de um dos quatro humores: sanguíneo, fleumático, colérico (de *cholé*, bile), melancólico (de *melânos*, negro + *cholé*, bile). Colérico, portanto, é aquele que tem mais bile amarela, e melancólico, o que tem mais bile negra. Transfere-se, desse modo, para o comportamento das pessoas, a noção de equilíbrio e harmonia dos humores (Diepgen, 1932, p. 77). As expressões “bom humor”, “mau humor”, “bem-humorado”, “mal-humorado” são reminiscências dos conceitos de *eucrasia* e *discrasia*.

A doutrina da patologia humoral guiou a prática médica por mais de dois mil anos e só começou a perder terreno com a descoberta da estrutura celular dos seres vivos graças ao desenvolvimento da microscopia. Os órgãos e os tecidos deixaram de ser considerados como massas consistentes resultantes da solidificação dos humores e passaram a ser vistos como aglomerados de células individuais, adaptadas à natureza e função de cada órgão (Virchow, 1859). Coube a Rudolf Virchow (1821-1902) estabelecer as bases da nova patologia, fundamentada nas alterações celulares causadas

pelas doenças. A milenar doutrina da patologia humoral foi substituída pela patologia celular, o que representou um marco na evolução da teoria e da prática da medicina.

Ao mesmo tempo, o estudo da embriologia e do processo de divisão celular levou à descoberta das estruturas intracelulares, em especial do núcleo, dos cromossomas, dos genes, e, finalmente, do DNA (ácido desoxirribonucleico), substância primordial de todas as formas de vida, aquela que encerra o código genético, define os caracteres hereditários e assegura a continuidade das espécies.

A identificação cristalográfica e química do DNA permitiu identificar a sua estrutura helicoidal e pode ser considerada um dos feitos mais notáveis da pesquisa biológica.

Na complexidade e diversidade das diferentes formas de vida, uma surpresa: o ressurgimento do número quatro nas quatro bases que integram o DNA: adenina, timina, guanina e citosina. Todos os seres vivos – animais, plantas, bactérias e muitos vírus – são o resultado de diferentes sequenciamentos e combinações dessas quatro bases na dupla hélice do DNA. E as quatro bases, por sua vez, são formadas de quatro elementos químicos: carbono, oxigênio, hidrogênio e nitrogênio.

No dizer do prof. Spyros Marketos, presidente da Fundação Internacional Hipocrática de Cós, o modelo quaternário da escola hipocrática mostrou-se compatível com as recentes descobertas da biologia molecular (Marketos, 1996, pp. 61-71).

Referências Bibliográficas

- CAIRUS, H. “Da Natureza do Homem”. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos*, vol. 6, nº 2, jul.-out. 1999.
- CASTIGLIONI, A. *A História da Medicina*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1947.
- CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1989.
- DIEPGEN, P. *Historia de la Medicina*. 2ª ed., Barcelona, Labor, 1932.
- MARKETOS, S. G. “Hippocratic Medicine and Philosophy at the Turn of the 20th Century”. *Proceedings of the 1st International Medical Olympiad*, vol. 1, 1996.
- VIRCHOW, R. L. K. *Die cellularpathologie*. Berlin, A. Hirschwald, 1859.